

CARGA EPIDEMIOLÓGICA E MORTALIDADE DA FPI NO BRASIL: TENDÊNCIAS HISTÓRICAS E PERSPECTIVAS FUTURAS

*Rogerio Rufino²; Lucas Resende Martinez Araujo¹; Leonardo Palermo²; Elizabeth Bessa²;
Bruno Rangel²; Mariana Lopes²; Mariana Costa Rufino³; Cláudia Henrique da Costa²;
1. IDOMED; 2. UERJ; 3. USP;*
Autor principal: Rogerio Rufino

Contexto: A fibrose pulmonar idiopática (FPI) é uma doença pulmonar intersticial progressiva e fatal com crescente relevância clínica e epidemiológica globalmente. Apesar dos avanços na terapia antifibrótica, a FPI permanece associada à alta mortalidade, com sobrevida mediana de 3 a 3,5 anos pós-diagnóstico. Este estudo objetivou caracterizar as tendências de mortalidade relacionadas à FPI no Brasil durante 28 anos e estimar prevalência nacional e incidência.

Métodos: Análise retrospectiva de base populacional dos dados nacionais de mortalidade do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde do Brasil de 1996 a 2023. As mortes relacionadas à FPI foram identificadas usando o código J84.1 da Classificação Internacional de Doenças, 10^a Revisão (CID-10). As tendências de mortalidade foram estratificadas por sexo, etnia e grupos etários para identificar padrões demográficos. Razões de chances anuais por sexo foram calculadas para avaliar padrões diferenciais de mortalidade.

Resultados: Entre 1996 e 2023, um total de 61.518 mortes foram atribuídas à FPI no Brasil. O número anual de mortes variou de 979 em 1997 a um pico de 3.778 em 2023, mostrando variabilidade ano a ano, mas uma clara tendência de aumento a longo prazo. Ao longo do período de 28 anos, ocorreram 30.593 mortes relacionadas à FPI entre homens e 31.481 entre mulheres, refletindo uma distribuição quase igualitária. O teste qui-quadrado não mostrou diferença estatisticamente significativa entre os sexos ($\chi^2 = 1,78$; $p = 0,182$). A análise baseada na etnia revelou uma distribuição desproporcional das mortes relacionadas à FPI: 67,4% ocorreram entre indivíduos brancos, 23,7% entre afro-brasileiros (combinando as categorias negros e pardos), 1,3% entre asiáticos, 0,1% entre indígenas e 7,5% foram classificadas como desconhecidas ou não relatadas. O teste qui-quadrado mostrou uma diferença altamente significativa entre os grupos étnicos ($\chi^2 = 123.165$; $p < 0,001$). De 1996 a 2001, o OR permaneceu próximo a 1,0. Em 2005, atingiu aproximadamente 1,3 e, em 2012, ultrapassou 2,0. Em 2023, os indivíduos no Brasil tinham quase três vezes mais chances de morrer de FPI do que em 1996 (OR = 2,97), refletindo um aumento substancial e sustentado na carga da doença.

Conclusões: A mortalidade relacionada à FPI no Brasil mais que triplicou desde 1996, refletindo tanto capacidade diagnóstica aprimorada quanto envelhecimento populacional. Entretanto, disparidades demográficas significativas persistem entre grupos de sexo e etnias, destacando inequidades no acesso aos cuidados de saúde. Estes achados enfatizam a necessidade urgente de fortalecer registros nacionais de doenças, expandir programas de diagnóstico precoce e melhorar o acesso equitativo à terapia antifibrótica para abordar o crescente fardo epidemiológico da FPI no Brasil.

Palavras-chave: Fibrose Pulmonar Idiopática, Mortalidade, Epidemiologia, Brasil, Prevalência.